

Os '7 amigos do rei' no Congresso

Grupo de deputados tem livre acesso ao gabinete de Collor

Dora Kramer

BRASÍLIA — Eles são sete. Seis alagoanos e um brasileiro. Todos novatos, chegam pela primeira vez ao Congresso a bordo de 318 mil 834 votos e a privilegiada condição de amigos íntimos do presidente da República. Os *amigos do rei* Antônio Hollanda (PSC-AL), Augusto Farias (PSC-AL), Euclides Mello (PRN-SP), Cleto Falcão (PRN-AL), Paulo Octávio (PRN-DF), Vitorio Malta (PSC-AL) e Luiz Dantas (PSC-AL) formam um grupo especial de deputados com acesso direto ao presidente e trânsito livre nos ministérios. Na verdade, alguns são mais amigos que outros e há ainda quem, sem o mesmo prestígio de antes, luta para continuar como membro da corte.

No primeiro grupo estão os parentes: Vitorio Malta, primo e cunhado da primeira dama Rosane Malta Collor e Euclides Mello, primo em primeiro grau de "Fernando", que só o chama de "Clidinho". Outro com direito a apelido fraterno é o maior empresário do setor imobiliário de Brasília, Paulo Octávio, o "Pablito". Cleto Falcão, do grupo de *Pequim*, que articulou a candidatura Collor, perdeu pontos quando, de início, acompanhou Renan Calheiros nos ataques a Paulo César Farias, o PC, mas depois recuou, afastou-se da eleição em Alagoas e ficou 40 dias na Europa. Na volta, desceu a rampa do Planalto, mas não estava entre os convidados das festas que Euclides e Vitorio deram em Brasília, com direito à presença de Collor, no dia da posse dos novos deputados.

Apesar disso, foi o novato mais cumprimentado na primeira semana de funcionamento do Congresso. Desconhecendo os detalhes do relacionamento Cleto-Collor, os deputados desdobravam-se em mesuras a Cleto Falcão no início da semana. Na terça-feira, ele ficou 15 minutos no cafézinho do plenário e recebeu 13 apertos de mão. Até o ex-governador de Pernambuco e cardeal do PFL Roberto Magalhães prestou homenagens lembrando velhas amizades com a família Falcão.

Irmão do PC — No plenário da Câmara, passou despercebida a presença de um deputado careca, barbuado, discreto e que muito poucos sabem tratar-se de Augusto César Farias, irmão mais novo do empresário Paulo César Farias, o poderoso personagem que transita e influi invisível no poder. Augusto nem bem foi eleito já mostrou prestígio: conseguiu com Margarida

Procópio a liberação de Cr\$ 2 bilhões para o combate à seca em Alagoas e promete ser "um rato de ministério".

O irmão do PC, como os outros do grupo alagoano, foi secretário de Collor no governo do estado (dos Transportes). Antônio Hollanda ocupou as secretarias de Energia e Saúde — onde se envolveu num caso de desvio de medicamentos, que está sendo investigado pela Polícia Federal —; Luiz Dantas foi secretário de Fazenda; Vitorio, de Planejamento; Euclides, de Turismo, quando o primo era prefeito de Maceió; e Cleto foi líder do governo na Assembleia Legislativa.

Pontos em comum não excluem divergências internas. Principalmente entre Cleto e Augusto, que não se falam desde o dia em que quase trocaram tiros no Hotel Jatiúca, de Maceió, por causa de uma comparação que Cleto fez de Paulo César com o marginal *Japonês*, preso em Bangu I. O grupo do PSC diverge sobre a liderança do partido na Câmara. Augusto quer, Vitorio acha que tem direito por ter sido o mais votado, mas Antônio Hollanda acabou levando a liderança, pelo menos provisoriamente. Os do PRN, Paulo Octávio, Euclides e Cleto, também alimentaram esperanças de que a amizade com o presidente garantisse o lugar de líder. A questão foi resolvida por Collor, que preferiu manter Arnaldo Faria de Sá no cargo e convenceu os amigos de que, verdes de Parlamento, poderiam acabar expondo o presidente a alguma situação indesejável.

Festas — Foi por causa do cuidado com a imagem do primo que Euclides decidiu abrir mão do apartamento funcional a que teria direito e alugar um apartamento na Academia de Tênis, por Cr\$ 250 mil mensais. Está ocupando o 306, onde no início do governo morou a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. "É bom para dar sorte", comentou Collor quando soube. Ali na Academia, na sexta-feira da semana passada, Euclides deu um jantar para 100 pessoas, que custou Cr\$ 900 mil, pagos do próprio bolso. O presidente Collor, acompanhado pelos irmãos Pedro e Leopoldo e pelo empresário e conselheiro do Tribunal de Contas de Alagoas, José Barbosa — uma espécie de tutor dos meninos Collor desde a morte do senador Arnon de Mello —, chegou depois que a festa já tinha acabado.

É que até então Collor estava na festa, para centenas de convidados, oferecida por Vitorio Malta em sua nova casa da QI 15 do Lago Sul. A casa é do empresário Luiz Estêvão, a mesma que seria ocupada pelo ex-chefe de gabinete de Zélia Cardoso de Mello, Sérgio Nascimento, que acabou demitido pelo que foi considerada uma demonstração de ostentação. Um depu-

tado do PFL, que chegou à meia-noite na festa, ficou impressionado com o luxo e "os ares de dono do poder que fazia Vitorio Malta". Mas o que o deputado não sabe é que Vitorio tem cacife para assumir esses ares. É casado com Rosânia, irmã de Rosane Collor que foi a Maceió fazer campanha pessoalmente para ele.

Os outros não ficam atrás em matéria de poder e têm amigos influentes espalhados pelos ministérios. A secretária particular de Collor, a poderosa Ana Acioly, é tratada por eles como "Aninha", que faz linha direta do Palácio do Planalto com seus gabinetes na Câmara. Euclides, na opinião de quem é próximo a Collor, é o mais respeitado por ele.

"Padrinho" — Amigo do presidente da Caixa Econômica, Lafayette Coutinho, da ministra Margarida Procópio, do diretor de Recursos Humanos do Banco do Brasil, Celso Cavalcanti, do secretário de Desenvolvimento Regional, Egberto Batista, do embaixador Marcos Coimbra — a quem chama de "padrinho" —, do secretário da Presidência Cláudio Vieira e, principalmente, de Leopoldo Collor, não tem medo do assédio e promete "ajudar a todos na medida do possível". Só avisa que não tolera lobistas. "Esses devem passar longe do meu gabinete". Esse mesmo tipo de comportamento Collor espera de toda a bancada dos amigos e já deu o recado a eles.

Os outros também transitam pelas mesmas áreas, têm os mesmos amigos e, na primeira semana, também andavam juntos, num bando só, pelo Congresso, com exceção de Paulo Octávio, que transita em faixa própria. Mais afastado fica Cleto Falcão, que ainda precisa expurgar sua aliança com Renan Calheiros para ser aceito de novo como um igual. De qualquer maneira, vieram para a Câmara com pelo menos uma linha de ação em comum. "A defesa intransigente do presidente", embora digam que não abrirão mão de lutar pelo que discordam.

O primeiro a estar na linha de tiro do grupo é o presidente do Banco do Brasil, Alberto Policaro, a quem alguns deles se referem como "aquele Policaro". Carlos Chiarelli, ministro da Educação, não goza de muito prestígio também entre o grupo, mas já aprendeu o prestígio que esses deputados têm. Um deles levou um chá de cadeira de uma hora numa manhã, reclamou com o presidente e, à tarde, o ministro telefonou para Brasília inteira atrás do deputado. Mas eles nem se impressionam muito, porque, no Ministério da Educação, como aliás no governo todo, também há um amigo alagoano a quem recorrer: José Luitgard, secretário-executivo de Chiarelli.